

AS EXPERIÊNCIAS DE MEDIAÇÃO CULTURAL NO PROJETO 40 MUSEUS EM 40 SEMANAS

Autora: Profa. Priscila Leonel

Resumo: Este artigo traz parte do estudo que desenvolvo na linha de pesquisa processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural, no mestrado em Arte Educação no Instituto de Artes da UNESP. Neste recorte procuro apresentar algumas reflexões sobre a questão da mediação cultural, trazendo teorias que discutem esse conceito. O foco deste estudo de caso é discutir o projeto 40 museus em 40 semanas o qual fui idealizadora e organizadora e que me permitiu observar muitas questões sobre a relação entre os museus e o público. Aqui, trago algumas análises das percepções dos visitantes sobre a experiência com o educativo dos museus.

Palavras-chave: museu, visitante, mediação cultural, educador.

Abstract: This article presents part of the study to develop the line of research artistic processes, educational experiences and cultural mediation, the MA in Art Education at UNESP Arts Institute. This part I want to try to present some reflections on the question of cultural mediation, bringing theories discussing this concept. The focus of this case study is to discuss the project 40 museums in 40 weeks which I am founder and organizer and that allowed me to observe many questions about the relationship between museums and the public. Here, I bring some analysis of the perceptions of visitors about the experience with the educational museums.

Key Words: museum, visitor, cultural mediation, educator.

Torna-se cada vez mais importante criarmos espaços de convivência, no fluxo da vida cotidiana, para que a troca de experiências, reflexões e contaminações mútuas aconteçam.
Adriana Fontes¹

Para adentrar os caminhos da *mediação cultural* trago um estudo sobre o projeto chamado *40 museus em 40 semanas*, que permitiu me aproximar do contexto museológico paulistano ao perpassar meus próprios caminhos. Fui idealizadora e proponente deste projeto que se tornou objeto da minha pesquisa de mestrado e a partir do reconhecimento desta experiência tem sido possível levantar discussões e reflexões sobre a relação destas instituições com o público.

O projeto *40 museus em 40 semanas* tinha como finalidade convidar pessoas aleatórias para visitar museus da cidade de São Paulo, utilizando como meio principal de divulgação as redes sociais, na internet, a fim de utilizar um meio gratuito e acessível a um grande número de pessoas. As visitas aconteciam aos finais de semana e eram sempre mediadas por um educador da própria instituição. O projeto teve início em janeiro de 2013 e finalizou em maio de 2014, sendo que meu intuito pessoal era conhecer os museus da cidade e

¹ FONTES, A. Uma polifonia harmônica entre práticas e saberes da mediação. In: I Seminário Oi Futuro Mediação em Museus, Adriana Fontes e Rita Gama (org.) Coedição Livre Expressão, 2012.

partilhar essa experiência com outras pessoas. Importante ressaltar que o coletivo era um ponto forte do projeto, portanto a reunião de pessoas foi também traço que trazia a cada semana, pessoas diferentes para novas conversas e outros olhares. Sempre ao final de cada visita havia o convite para um bate-papo num café ou outro local, a fim de que pudéssemos conversar sobre a visita fora do espaço do museu.

Cabe trazer neste artigo as instituições que foram selecionadas, por ordem de visita, a fim de que se possa melhor localizar e compreender as análises, no decorrer do texto. Ao observar a lista, a seguir, é possível verificar uma diversidade de acervos que suscitam diferentes formas de mediação, também se faz importante uma reflexão sobre as várias expressões culturais que se apresentam na cidade, assim como, seus desdobramentos.

1. Memorial da Resistência
2. Museu Afro Brasil
3. Pavilhão das Culturas Brasileiras
4. Centro de Documentação e Memória do Samba
5. Museu do Futebol
6. Museu Casa Guilherme de Almeida
7. Museu da Casa Brasileira
8. Museu Histórico da Imigração Japonesa
9. Museu de Arte Sacra
10. Museu Paulista
11. Museu de Arte Contemporânea
12. Museu da Cidade-Solar da Marquesa
13. Museu de Arte Brasileira da FAAP
14. Museu Casa Fundação Ema Klabin
15. Museu da Cidade-Casa Sítio da Ressaca
16. Museu do Objeto Brasileiro
17. Acervo Palácio dos Bandeirantes
18. Museu da Cidade – Gabinete do Desenho
19. Sala São Paulo (visita histórica)
20. Museu da Lasar Segall
21. Museu da Energia
22. Museu do Transporte Público
23. Museu da Imagem e do Som
24. Museu do Bombeiro
25. Museu Vicente de Azevedo
26. Instituto Tomie Ohtake
27. Museu da Língua Portuguesa
28. Paço das Artes
29. Museu do Perfume
30. Museu Brasileiro da Escultura
31. Memorial da América Latina
32. Estação Pinacoteca
33. Museu da Cidade-Oca
34. Museu Florestal Museu Octávio Vecchi
35. Museu de Arte Moderna
36. Museu Anchieta

37. Museu Casa Maria Luísa e Oscar Americano
38. Museu do Tribunal de Justiça
39. Museus do Instituto Butantã
40. Pinacoteca

Este projeto nasceu quando, sem que eu percebesse, foi brotando em mim uma necessidade de encontrar novos e antigos caminhos na cidade onde nasci. São Paulo, e para isso apareceram os museus como fonte destas histórias. Começo a olhar para eles, entendê-los e tentar identificar as relações que eles propunham e fui cultivando cada vez mais uma atenção voltada diretamente para a relação destas instituições com as pessoas. No caminhar do projeto "40 museus em 40 semanas" foi aparecendo o anseio de buscar cada vez mais conhecimentos sobre os museus, mas foi no fim do projeto que surgiu a vontade de realizar um estudo que se voltasse para as narrativas do percurso, partindo da premissa de que os conhecimentos sobre as relações sociais humanas se dão com base em um conjunto de percepções das vivências. E tem sido na prática de me debruçar sobre as narrativas, contidas em meus cadernos de campo que as experiências têm revelado muitas questões que podem ajudar a compreender as práticas da mediação cultural, dentro do contexto museológico paulistano.

Neste percurso passei a me perceber como atuante na mediação cultural e fui compreendendo na pesquisa o quanto é essencial estar presente em campo, como parte do projeto. Ter ido aos museus no papel de visitante, ter acompanhado as mediações e os educadores, ter planejado e observado os percursos para chegar aos museus, tudo foi fundamental para descrever a experiência, consciente da minha responsabilidade e então resgatar elementos que possibilitem gerar conhecimentos que contribuam neste campo de estudo.

Havia em mim, quando inventei o projeto "40 museus em 40 semanas" uma busca muito pessoal de retomada de identidade, vislumbrando nos museus os guardadores do patrimônio e, possivelmente, das minhas raízes. Estar mais próxima dos museus poderia ser uma oportunidade de me entender, visitar espaços para melhor me observar e conhecer mais a cidade onde nasci e que, de alguma forma, me gera o sentimento de pertencer e não pertencer. Compor um projeto com tantos museus era ao mesmo tempo uma forma de apresentar esses espaços para outras pessoas e também de encontrar elementos desconhecidos que pudessem contribuir na minha construção de identidade. Cabe trazer Bellei (1984, p.317), que afirma que um sujeito que se torna o criador de sua realidade é como um "bricoleur participante", coletor compulsivo de informações, fatos e experiências que compõe o seu tesouro, o qual ele percebe, organiza e questiona para descobrir o que cada um deles pode "significar". Percebia-me como uma espécie de bricoleur, que, segundo Bellei (1984, p.324), "vive numa espiral logarítmica, mas que não tem medo de perder sua identidade neste emaranhado, pois ele é sua própria essência", assim me propus a passar por todos os museus convencida que poderia isto fazer parte da minha própria constituição, me devolvendo uma relação íntima com a cidade. Ao mesmo tempo em que identificava memórias, histórias, cores e formas, percebendo como elas se encaixavam de alguma forma na minha vida e foi se abrindo um espaço para pensar como os museus têm adentrado a vida das pessoas.

Olhando para a quantidade de museus que visitei durante o projeto *40 museus em 40 semanas*, percebo a diversidade de posturas, formas de receber e de apresentar que vão sendo lançadas pelos museus na sociedade, tornando-se fundamental repensar e discutir essas práticas. São muitos museus, ainda, surgindo a todo o momento que podem se adaptar aos modelos já "tradicionais" ou criar novas formas de ser museu. O Brasil, que iniciou o século XX com 12 museus, já conta com 3.025 instituições museais mapeadas pelo IBRAM², por isso é preciso pensar como elas criam em seus educativos um ponto de encontro com o público.

Tenho buscado na pesquisa não só aprofundar meu interesse intrínseco na realidade vivenciada, mas apontar variáveis e suas correlações que possam gerar contribuições para o meio estudado. Todas as visitas foram documentadas (com fotografias e anotações) e as análises tem se direcionado no sentido de melhor compreender cada experiência.

A mediação cultural

Para pensar as formas de mediação cultural que estavam presentes no projeto me deparei com algumas questões para melhor analisar a experiência. A palavra *mediar*, por exemplo, tem um significado, sozinha, que é *estar ao meio de*, mas ao compor juntamente com a palavra *cultural* está recebendo uma conotação, um papel simbólico. Dentro deste processo comecei a me perceber como mediadora cultural, pela ação de colocar este projeto em prática, mas ainda restavam questões sobre o fundamento da existência deste personagem *mediador cultural*, afinal a prática da mediação cultural exige um objetivo que vai transpassar todas as atividades.

Ao começar a me debruçar sobre o tema como linha condutora do pensamento sobre o projeto *40 museus em 40 semanas*, a pesquisa foi ganhando novas formas e novas questões. Um resgate do meu encontro com a arte educação pode ser muito bem-vindo neste momento para conceituar como eu vejo e percebo a mediação cultural.

Encontrei em um caderninho de anotações alguns registros de quando estive presente em uma mesa de discussão no XXII ConFAEB³, que aconteceu em 2012, em São Paulo, com o tema *Arte/Educação: Corpos em Trânsito*, a mesa era sobre o *saber específico do mediador*, com mediação de Giuliano Tierno⁴, confesso que na época não poderia imaginar que estaria estudando essa temática hoje, pois meu campo de estudo, até então, era apenas os museus e pouco sabia realmente sobre os significados de mediação cultural ou que os educadores de museus estavam praticando novos modelos de recepção com os visitantes, que tem se chamado de mediação cultural. Enfim, naquela mesa de debate fui para aprender e conversar, mas lembro-me que as discussões ficaram acaloradas. O mediador lançava várias questões como: *o que é mediador? A mediação tem um objeto?* Ali naquele momento, fui anotando tudo em meu caderninho inseparável, que no futuro viria a receber as primeiras anotações sobre as visitas do projeto *40 museus em 40*

² Instituto Brasileiro de Museus/ <http://www.museus.gov.br/>

³ Congresso Nacional da Federação dos arte/educadores do Brasil.

⁴ Doutorando e Mestre em Arte e Educação pelo Instituto de Artes da Unesp. Licenciatura plena em Educação Artística - Habilitação em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp.

semanas. Relendo estes registros, encontrei uma definição que gostaria de trazer para essa nova conversa:

"O mediador é um conversador, fazendo daquele um encontro para compartilhar".

Um conversador, não é um "educador" (que dá educação a outrem – definição segundo dicionário Michaelis) ou um monitor (aquele que adverte ou dirige – segundo o mesmo dicionário), mas o mediador é aquele que oferece uma conversa. Conversar, segundo o dicionário, significa entreter-se em conversa sobre algo, mas também pode significar tratar com familiaridade ou amizade, e essa é para mim, uma ótima definição para mediação cultural, uma conversa totalmente horizontal, democrática e amigável, não considerando passar valores ou informações, mas partilhar saberes e sensações.

Considerando o aspecto subjetivo do que possa ser mediação, creio que pude ser mediadora ao partilhar meu tempo e minhas visitas em museus com outras pessoas, partilhando momentos e conversas. Segundo Cayo Honorato (2013) muitas são as formas de mediação dentro da mediação cultural, ele pontua a importância de não banalizar o conceito, fazendo referência ao nascimento do termo que remete a década de 1980, que, segundo Teixeira Coelho (1997), vem para atualizar o conceito que antes era personificado pelo animador ou agente cultural, segundo ele, *mediação cultural* é uma versão contemporânea para aproximar (física e intelectualmente) arte e público.

Dentro destas constatações sobre o conceito de *mediação cultural*, considero essencial trazer para esta discussão o papel do projeto *40 museus em 40 semanas* que se mostrou como uma forma de mediação cultural em ambos os aspectos citados por Teixeira Coelho, uma vez que o convite para as visitas em museus era divulgado no Facebook⁵, era muitas vezes, acompanhado por um mapa de como chegar ao lugar e, também, pelas formas de transporte público que davam acesso ao museu. Também fazia parte deste projeto colocar um texto no Blog ou no Facebook com apresentação do espaço e suas características principais, a fim de aproximar o público-alvo que desejava visitar o museu, mas não possuía estas informações.

A presença de alguém responsável pela visita e que estaria na porta do museu, reunindo o grupo e recebendo as pessoas também é um fator relevante na aproximação do público, que muitas vezes não se sentia à vontade em realizar essa atividade, sozinho. Muitos participantes traziam comentários desta natureza durante a visita, como no Museu da Língua Portuguesa em que um visitante disse:

"Sempre quis vir neste lugar, era um sonho".

Ou em uma visita ao museu Lasar Segall, quando alguns visitantes afirmaram:

"Jamais teria coragem de entrar aqui nesta casa sozinho, porque tem segurança na porta e parece uma casa, não parece um museu".

⁵ Facebook é um meio multimídia e um espaço para construção de redes sociais na internet.

"Se eu visse o endereço na internet e chegasse nesta casa com catraca na porta eu nem perguntaria se era um museu, iria embora".

Estes depoimentos que aconteciam naturalmente o longo das visitas e que fui anotando em meu caderninho, ajudam a compreender um pouco sobre as necessidades e expectativas do público e isso conseqüentemente dá indícios do que um mediador cultural pode realizar para aproximar o público. Por exemplo, mostrando mais liberdade com o espaço ou atestando a autonomia do público nesta relação. Via meu papel como quem abre uma porta que "parece" estar fechada e afirmando que a porta continuará aberta sempre que eles quiserem, vejo nesta perspectiva uma das possibilidades da mediação cultural.

A pesquisa tem como foco analisar as diversas formas de mediação que se pratica em instituições culturais, discutindo formas de participação no convívio social dos visitantes, pois segundo Quintela (2011, p. 63), "o tema da mediação cultural readquiriu nas três últimas décadas muita relevância nos discursos políticos e programáticos que convocam à formação e atração de públicos para as artes e a cultura", curiosamente, gerando canais de relacionamento mais proximais. Segundo Alencar (2008, p.22) há muitas respostas para o que é, ou não, mediação cultural, mas ela chama a atenção para um entendimento que é o de "estar entre". Sendo, o papel do educador mediador (MARTINS, 2005, pp.54-55), estar entre as obras, as conexões, o museu, o artista, o curador, o museógrafo, os textos de parede, a mídia, o historiador, os materiais educativos e o público. Neste artigo trazemos um pequeno recorte da pesquisa, focando na noção de mediação que carrega muitas definições.

Educativos de museus

O termo mediação cultural vem sendo usado desde a década de 80, como afirmou Teixeira Coelho, mas recentemente muitos educadores de museus têm se denominado mediadores culturais, deixando de lado termos como monitor ou guia, designações ainda bastante comuns ao público leigo. Essa visão da Ação Educativa como Mediação Cultural tem relação com uma postura, uma forma de estar com o público e realizar trocas de conhecimentos e experiências. Segundo Honorato (2012) a palavra *troca* tem aparecido cada vez mais como um sentido ou função da mediação cultural, como se os mediadores de museus estivessem lá para trocar conhecimentos. Essa definição vai ao encontro do que Darras (2009) chama de *mediação construtivista*, se diferenciando de outras formas as quais ele também considera, como a *mediação diretiva* e a *mediação por imersão*.

A *mediação construtivista* trabalha conjuntamente, criando sistemas interpretativos que tentam se articular, já a *mediação por imersão* está baseada em uma forma de educação não formal dentro do espaço cultural e a *mediação diretiva* é a transmissão de conhecimentos eruditos àqueles que não conhecem. Darras ainda firma que a mediação cultural é uma atividade de acompanhamento cultural e, mais raramente, uma ocasião de reflexão crítica, portanto se faz provocativo refletir sobre alguns exemplos de visitas mediadas pelo educativo dos museus que visitamos no projeto *40 museus em 40 semanas*, pois depois de observar tantas possibilidades de mediação, é possível verificar estes modelos e até dizer que nem sempre estão separados, podem atuar de forma mesclada. Sendo assim, parte desta pesquisa pretende analisar as falas e o comportamento dos

visitantes, assim como as posturas dos educadores, possibilitando perceber as nuances da mediação cultural.

Apresento essas referências com intuito cativar um pensamento crítico sobre as narrativas apresentadas, contextualizado a ação dos Educativos de museus como um fenômeno que foi se moldando no Brasil, recebendo, também, influências de questões mundiais e não como fenômenos isolados em cada museu. Considero importante apontar dois momentos históricos internacionais que tiveram grande repercussão no cenário da educação em museus no Brasil, sendo eles o Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, em 1958, permitindo um salto ao começar a valorizar esta temática e a Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, quando se começou a falar em ações para abertura dos museus para o público, com intuito social, dito isto, é fundamental ressaltar, que durante o projeto vi muitos educativos de museus tentando entender seu papel e repensar questões da sociedade e outros ainda criando muitas barreiras entre o público e o acervo da instituição. Nesta perspectiva Rejane Coutinho (2009), discute a necessidade de compreender o contexto no qual se inserem as ações educativas para pensar estratégias que efetivamente aproximem a sociedade, seus bens culturais e patrimoniais.

Inclusive, cabe ressaltar as questões e percepções do público como balizador das ações dos mediadores, pois as expectativas do público dão forma as suas percepções. Dentre os visitantes que participaram do projeto *40 museus em 40 semanas*, muitos iam aos museus pela primeira vez e essa falta de hábito em ir ao museu torna as expectativas muitas vezes divergentes do que o museu realmente vai oferecer. Sendo assim, percebia em vários momentos, que os visitantes ficavam felizes com educadores que despejavam conteúdos, fazendo uma espécie de visita palestra, pois estavam ali em busca destas informações. Muitas vezes, depois das visitas, durante o café, eu perguntava ao grupo o que haviam achado do educador, principalmente quando eu havia desgostado da abordagem, e, muitas vezes acontecia de me surpreender com respostas do tipo:

"Nossa adorei a educadora, ela sabia tanto, neh?"

Em outros casos percebia que uma postura mais enfática do educador também incomodava alguns participantes, na conversa pós-visita ao museu de Arte Sacra de São Paulo um visitante comentou:

"A opinião do educador sobre a simbologia da obra foi muito exagerada. Este educador traz uma postura unilateral dos acontecimentos, mas trazer as questões mitológicas foi marcante".

Nesta fala vemos que a expectativa deste visitante era obter informações que ainda não tinha, como a questão mitológica relacionada às obras, mas ele não queria saber a opinião do educador, não estava ali para trocar ideias e sim para receber informações, quando lhe pareceu que o educador se colocou no discurso, repeliu imediatamente.

A visita ao Museu Lasar Segall foi mediada por um áudio-guia, pois aos finais de semana o museu não tinha educadores, essa possibilidade foi significativa, para ter um contraponto da opinião dos participantes. Durante todo o processo fiquei muito preocupada se as

peessoas estavam solitárias, na conversa ao final percebi uma reação muito positiva dos participantes e algumas falas me chamaram a atenção:

"O áudio-guia traz informações imediatas, de forma didática, é o que viemos buscar"

"Se eu quisesse mais informações sobre o artista, esta seria a melhor forma, mas acho que com o educador é mais divertido".

Vim nesta visita para encontrar um grupo e me senti em grupo, gostei muito da experiência do áudio, achei muito válido todo mundo estar aqui pelo mesmo motivo.

Quando vou sozinha a um museu tenho a sensação de solidão, mas assim com o áudio, a gente se sente em grupo, mesmo estando cada um no seu mundo.

O áudio-guia traz muitas informações, mas não responde nossas perguntas.

Estas declarações surgiram conforme eu ia puxando assuntos com o grupo e todos começavam a falar, as opiniões acima são mencionadas cada uma por um participante diferente. Considerei este museu um local propício para entender como os participantes se sentiam sem a presença de um educador, mas mesmo assim em uma visita agendada e acompanhada. As repostas nem sempre concordantes, mas que podemos observar algumas variáveis que ressaltam como a questão da possível solidão incomoda e a presença das informações, dois elementos que parecem indispensáveis para este grupo. Inclusive, uma das participantes revela ter ido lá, no intuito de encontrar um grupo e a partir disso é possível reconhecer o papel do projeto como um promovedor de relações sociais, podendo ser este também o papel dos museus.

Percebi que ao longo das semanas, principalmente nas primeiras, me questionava muito nas anotações durante a visita, sobre o significado da presença do grupo no museu, da função do educador e o que representava a própria visita. Estas questões, fui tentando sempre dividir com o grupo, ouvir como eles se percebiam naquele espaço e com o tempo fui compreendendo que os grupos estavam mais preocupados com seu lazer e por isso analisavam as visitas sempre a partir do quanto se divertiram e do que aquilo trouxe de novo. A novidade parece ser um grande atrativo para os participantes, por isso a presença do educador possa estar muitas vezes, relacionada a quem vai fornecer as *novas informações*.

Na visita ao Museu do Futebol, porém, umas das participantes comentou durante a conversa no pós-*visita*:

"Eu tinha um grande preconceito com visitas guiadas, mas esse rapaz (o educador) mudou isso, ele se tornou um mediador das nossas conversas, apresentando o museu sem um discurso pronto,

deixando as pessoas à vontade para olharem o que elas quisessem. Eu me senti acolhida e respeitada”.

Esse relato mostra que esta visitante procurava uma liberdade durante a visita que não associava com a presença de um educador, tanto que ela denomina de visita guiada àquela que não gosta e mesmo sem saber de toda a teoria da mediação cultural diz que o educador assumiu um papel de mediador, o qual ela parece aprovar dentro do que espera para uma visita. Considerando que esta pessoa deve ter alguma experiência prévia em algum museu que a fez repelir a figura do educador junto ao grupo durante a visita, até que se deparou com um mediador, o qual poderíamos chamar de *conversador*, segundo Giuliano Tierno. Também trago a fala de um visitante durante o pós-visita ao Museu da Cidade, no Solar da Marquesa, onde este participante diz:

“Admiro muito essa educadora porque ela mostra os dois lados da história, apesar de ficar claro que ela acredita em um dos dois”.

Essa fala mostra que a visitante valorizou a visão pessoal da educadora, no processo da mediação, apesar de achar que ela devia dizer os fatos, *os dois lados da história*, contextualizando as obras, mas conversando, dando também sua opinião. Dois momentos são valorizados: o receber informações isentas e o momento de conhecer a opinião do outro. Nesta mesma visita um participante pareceu não gostar da postura desta educadora:

“Não fiquei satisfeito com a visita, pois faltou à monitora falar mais dos objetos e explorar o museu, ela se prendeu muito nas histórias e suas controvérsias”.

Vemos aqui o exemplo de um visitante que não estava em busca de conversas e nem de receber informações históricas, ele queria saber mais sobre o que estava vendo, esse também é um tipo clássico de visitante que está ali para saber mais sobre aquele assunto especificamente, ele não quer conversar e talvez não precise ser contextualizado, mas queira informações mais diretas e específicas. Também faz parte da mediação estar preparado para momentos assim, aos quais Darras (2009) chama de mediação diretiva. Tendo passado por essas experiências me pergunto se o educador está preparado ou é sensível a perceber o que os visitantes estão buscando naquele momento. Para isso o acolhimento inicial pode ajudar muito a detectar as diversas expectativas. Nesta mesma visita ao Solar da Marquesa uma participante disse:

“Senti falta de ela perguntar o nome das pessoas, quem é a pessoa e de onde ela vem”.

Se a educadora tivesse realizado um acolhimento inicial teria se aproximado do grupo e, talvez, compreendido melhor seus anseios. Uma visita que também convida a refletir, por se aproximar da mediação construtivista, aconteceu no Paço das Artes e durante o pós-visita uma participante diz:

“Gostei muito da educadora, ela deixava todo mundo a vontade e ouvia o que as pessoas falavam e dava continuidade ao assunto”.

A questão da conversa e de estar à vontade no espaço expositivo já foi trazida por outros participantes como fator relevante, que parecem remeter diretamente a atuação do educador. Talvez por uma associação direta do educador com o anfitrião ou por uma personificação do museu na figura do educador, ambas são características explicáveis pela psicologia, e revelam a importância que o visitante dá ao desempenho da mediação como uma parte primordial do clima que se identifica no museu. Percebia em mim, como visitante, que precisava sentir a segurança de que o mediador conduzia a visita, mas ao mesmo tempo necessitava de espaço para fruição, reflexão e construção de minhas próprias ideias sobre o que via.

Mediar é ouvir antes de tudo

Aprender a ouvir foi um passo importante para conhecer as reais preocupações e interesses de cada pessoa que participava do projeto. Ao deixar que elas falassem sobre o que foi importante na experiência fui conseguindo encontrar padrões que se repetiam em vários museus, como a importância de sentir à vontade e de obter novas informações. A questão do acolhimento inicial também pareceu um fator relevante, mesmo que os participantes não dessem este nome, diziam que sentiam falta de algo com estas características, de aproximação do grupo para conhecê-los. Quando um participante ia a mais de um museu durante o projeto e chegávamos a um museu que não acontecia o acolhimento, essa questão era sempre lembrada ao final.

No começo, tive a pretensão de agrupar os museus por temas, com um assunto para cada mês e buscar conversar com os participantes sobre a temática e sobre a abordagem do museu. Também idealizei levar para as visitas materiais para discutir com o grupo e que gerassem um paralelo ao que veríamos no museu, como uma letra de música, uma poesia ou uma foto para serem usadas na discussão. Essa proposta acabou não permanecendo no decorrer das visitas, até pela disposição das pessoas, pois fui percebendo depois que o tempo de uma hora de visita, para este grupo que se formava, era muito cansativo e que a conversa ao final deveria ser a menos dirigida possível.

Ainda dentro do planejamento inicial, os primeiros museus escolhidos tocavam em assuntos marginalizados ou socialmente não benquistos, como a questão racial, a cultura popular, e a resistência política à ditadura. Depois desta primeira etapa percebi que muitos visitantes não estavam em busca de polemizar e discutir os museus ou como eles trabalhavam as questões, esta era uma preocupação minha. Havia uma necessidade anterior que era conhecer a instituição. Fui então, aprendendo a respeitar esse espaço dos visitantes e suas buscas. Ouvir foi um passo importante para conhecer as reais preocupações e interesses de cada pessoa, ao deixar que elas falassem sobre o que foi importante na experiência, percebia que o grupo visitava menos para debater e mais para ter um bom momento de lazer e uma boa conversa. E assim tirei a obrigação de agrupar os museus por temática, vi que essa discussão que eu queria propor não era o mais importante para o projeto, identifiquei que poderia ter um papel mais ativo no estímulo à interação do público com os museus e isso já seria o bastante.

Digo isso como uma experiência vivida que pode ajudar mediadores culturais a repensar seu papel e suas posturas, pensar se é possível e como seria conhecer o público, ouvi-lo

para melhor conversar com ele. Retomo a importância que o público do projeto remetia ao *acolhimento inicial*, pois era ali que começavam uma "amizade" com o "conversador" e consequentemente, com o próprio museu.

Conclusão

Considerando as diversas formas de mediação nos museus de São Paulo, acreditamos que quando se oferece ao público uma possibilidade de relacionamento com o acervo e não somente a transmissão de informações prontas, o visitante poderá tecer vínculos mais profundos com as obras. Sendo esta uma das questões que esta pesquisa tem estudado, a fim de verificar qual o impacto do trabalho dos educadores nos participantes do projeto. Neste artigo apresentei algumas falas dos participantes, no pós-visita, onde eles puderam expressar mais livremente, fora do espaço do museu, como eles haviam percebido a visita e a atuação do mediador cultural. O projeto 40 Museus em 40 Semanas foi também uma oportunidade de observar como eu me percebia neste processo, usando um provérbio popular para explicar melhor, me sentia uma "galinha chocando seus filhotes", e anotei no diário de campo: a galinha choca não é uma galinha amigável. De vez em quando, uma galinha torna-se muito protetora de seus ovos. Ela pode bicar e irritar suas penas se alguém ameaçar seus filhotes. Lembro-me de ter feito essa analogia por me sentir muito brava pela sensação de frustração dos "meus" visitantes em alguns museus, como se eu fosse responsável por fazer acontecer uma boa visita. E mesmo que, naquela ocasião, ainda não soubesse quais os elementos que compõe uma "boa visita", convidar as pessoas para sair de casa no sábado para se sentirem mal não parecia ser o objetivo do projeto. Cabe ainda muita reflexão sobre o que pode surtir de uma visita ou experiências que não teremos controle, mas mesmo assim me sentia brava com os educadores toda vez que algo ruim acontecia.

Referências

BELLEI, S.L.P. O novo humanismo: formas de descentramento. In: Estudos Germânicos. Belo Horizonte, MG, v. 5, n. 1, p.306 a 330, 1984.

COELHO, T. Dicionário crítico de política cultural. São Paulo: Iluminuras, 1997.

COUTINHO, R.G. Estratégias de mediação e a abordagem triangular. In: Arte/Educação como mediação cultural e social. São Paulo: UNESP, 2009.

DARRAS, B. As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural, In. Arte/Educação como mediação cultural e social. São Paulo: UNESP, 2009.

FONTES, A.; GAMA, R. (Org.) I Seminário Oi Futuro Mediação em Museus Coedição Livre Expressão, 2012.

HONORATO, C. Usos, sentidos e incidências da mediação/ questões de vocabulário, Anais da ANPAP, 2012.

_____. Mediação e democracia Cultural. CPF SESC. 2013

Revista Digital

Art&

Educação - Cultura - Formação - Comunicação - Produção

Endereço para contato:
Rua Conselheiro Brotero, 686 / 32
Higienópolis - São Paulo - SP
CEP 01232-010
ISSN 1806-2962

Qualis

Interdisciplinar - B4
Educação - B4
Letras/Linguística - B4
Arquitetura e Urbanismo - B4
História - B5
Artes / Música - B5
Ciências Sociais Aplicadas - B5

MARTINS, M.C. (Org.). Mediação: provocações estéticas. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, Pós-graduação, v.1, n.1, out. 2005.